

Desinformação e população idosa: como preparar pessoas 60+ para lidar com o excesso informativo e a eclosão de fake news?¹

Michel Carvalho da SILVA²
MECOM (ECA-USP), São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo dedica-se a discutir a relação entre desinformação e população idosa, a partir de uma revisão de literatura, englobando trabalhos dos campos da ciência da informação e das ciências da comunicação. Inicialmente, reflete-se sobre o atual ecossistema comunicacional, marcado pela desintermediação e a desordem informacional. Logo em seguida, concentra-se nas razões da vulnerabilidade das pessoas 60+ em relação aos golpes virtuais e à difusão de conteúdos desinformativos. Por fim, busca-se traçar alguns parâmetros fundamentais para desenvolver iniciativas de alfabetização midiática e informacional (AMI) com idosos.

PALAVRAS-CHAVE: desinformação; população idosa; educação midiática; vulnerabilidade.

INTRODUÇÃO

De acordo com projeções do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população brasileira está em trajetória de envelhecimento e, até 2060, o percentual de pessoas com mais de 65 anos passará dos atuais 9,2% para 25,5% (BRASIL, 2021). O país tinha 28 milhões de idosos em 2017, ou 13,5% do total da população. Em dez anos, chegará a 38,5 milhões (17,4% do total de habitantes). No entanto, o aumento no número de idosos não representa necessariamente garantia de qualidade de vida para esse estrato populacional.

A qualidade de vida do idoso está centrada na concepção de envelhecimento ativo, que tem relação com o estabelecimento de políticas públicas que promovam saúde, dignidade, independência e integração à comunidade para essa faixa etária (PORFÍRIO; BOTTONI, 2021). Na contemporaneidade, esses fatores são impactados, direta ou

1 Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Michel Carvalho da Silva é Doutor em Ciências Humanas e Sociais pela UFABC. Mestre em Ciências da Comunicação pela USP. Chefe dos Serviços de Comunicação Social da Câmara Municipal de Cubatão (SP). Docente Colaborador do projeto Universidade Aberta à População Idosa (UAPI) da UNIFESP Campus Baixada Santista e integrante do Grupo de Pesquisa MECOM-USP; Email: midiacidada@gmail.com.

indiretamente, pela utilização de tecnologias de informação e comunicação (TICs). Uma pesquisa da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas e do SPC³ mostrou que, em 2018, 68% dos idosos usavam a internet. Em 2021, já são 97% e 84% deles acessam a web pelo celular.

O acesso à informação e a possibilidade de comunicar são fatores indispensáveis para um envelhecimento com qualidade. Segundo o Relatório “Guia Global: Cidade Amiga do Idoso”, produzido pela Organização Mundial da Saúde (OMS), “ter conhecimento dos eventos, contato com pessoas e recebimento de informações práticas para administrar a sua vida e atender às necessidades pessoais dos idosos é vital para o envelhecimento ativo” (OMS, 2008, p. 53). Nesse sentido, autonomia digital para o idoso significa sair de uma zona de exclusão, em que ele, de posse de um celular, pode ter contato com amigos e familiares, e acesso às notícias do Brasil e do mundo.

Por outro lado, essa apropriação das TICs por parte da população idosa também representa preocupação. Um levantamento do site G1⁴, feito a partir da Lei de Acesso à Informação (LAI), revelou que onze idosos caem em golpes em São Paulo (SP) diariamente, sendo que grande parte desses crimes é praticada no ambiente digital. De janeiro a julho de 2021, foram registrados 16.129 casos de estelionato. Desses, 63,7% foram aplicados através das redes sociais e aplicativos de relacionamento. Em 2.296 casos as vítimas tinham mais de 60 anos.

A população idosa é vista como mais vulnerável a golpes virtuais (por exemplo, o phishing⁵) como também a acreditar e compartilhar fake news. Com a digitalização da vida cotidiana, a população idosa se viu obrigada a lidar com novos dispositivos eletrônicos, sendo que alguns desses aparelhos surgiram na vida dessas pessoas quando esses já eram adultos ou até mesmo mais velhos. À medida em que aumenta a média de idade da população no mundo, a sociedade parece ficar mais midiaticizada, o que exige um contínuo processo de aprendizagem e o desenvolvimento de novas competências, como,

³ Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/10/09/veja-como-os-idosos-estao-aprendendo-a-escapar-das-armadilhas-do-mundo-digital.ghtml>. Acesso em 15 jul. 2022.

⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/10/02/onze-idosos-por-dia-caem-golpes-na-capital-paulista-diz-levantamento.ghtml>. Acesso em 15 jul. 2022.

⁵ Trata-se de uma técnica que tem o objetivo “pescar” o usuário por meio um site, link, mensagens no WhatsApp e plataformas digitais. Esse tipo de golpe costuma utilizar informações pessoais para criar mensagens mais realistas e persuasivas para convencer as vítimas. (CANFIELD; FISCHHOFF; DAVIS, 2019).

por exemplo, ler a informação que acessa com mais criticidade, a fim de refletir sobre as motivações reais daquela determinada mensagem compartilhada no grupo da família.

A partir dessa relação entre população idosa e ambiente digital, o artigo quer discutir sobre como pessoas 60+⁶ podem lidar com o excesso informativo e a desinformação, a partir de questões-chave para reflexão desse problema global: reconfiguração do ecossistema comunicacional, desordem informacional, conexão tardia, vulnerabilidade a notícias falsas, e, por fim, alfabetização midiática e informacional. Para consecução desse objetivo central, realizamos uma revisão de literatura, buscando mobilizar pesquisas, tanto do campo da ciência da informação quanto das ciências da comunicação, que tenham como enfoque os idosos e suas habilidades infocomunicacionais, e apontamos algumas estratégias mitigatórias à desinformação nessa faixa etária, dentro da perspectiva da educação midiática, a partir de experiências anteriores.

A reconfiguração do ecossistema comunicacional

Quando nos concentramos na vulnerabilidade⁷ da população idosa à desinformação, precisamos considerar o atual ecossistema comunicacional, permeado por informações de todo tipo e qualidade. Em poucos anos, passamos da escassez da informação a um tsunami de dados, em que cada pessoa viva hoje tem 320 vezes mais informação à sua disposição do que em toda a biblioteca de Alexandria, o maior repositório da Antiguidade (BHASKAR, 2020). Segundo o autor, existem mais smartphones do que pessoas e o Google recebe mais de 5,6 bilhões de buscas por dia, além de termos à disposição mais de 1,5 bilhões de sites.

O excesso informativo o qual a humanidade está exposta impede de escolher entre tantas ofertas. A abundância de mensagens – verdadeiras ou não – torna difícil a busca por fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa, como se verificou durante os momentos mais severos da pandemia do novo vírus SARS-Cov-2. Uma miríade de

⁶ O Estatuto do Idoso (Lei Federal Nº 10.741/2003) estabelece que os idosos são aquelas pessoas com mais de sessenta anos de idade (BRASIL, 2003).

⁷ Em linhas gerais, vulnerabilidade está relacionada à capacidade de resposta ao perigo. Segundo Oviedo e Czeresnia (2015), a pessoa mais vulnerável tem capacidade reduzida para administrar ameaças ou exigências do ambiente. Desse modo, a vulnerabilidade expressa a impossibilidade do sujeito de afirmação do exercício de liberdade e autonomia.

informações não verificadas, informações úteis e desinformação, deliberada ou não, contribuem para o que a Organização Mundial da Saúde (OMS) nomeou de infodemia, um excesso de informação (muitas delas falsas) e rumores, em circulação nas plataformas digitais e outras mídias, que chega a impedir às pessoas o acesso a fontes e informações fiáveis (GHEBREYESUS, 2020, on-line).

A sobrecarga de informações não é um fenômeno novo, resultante da pulverização das plataformas digitais. Desde a Grécia e a Roma Antiga, as pessoas lidam com o aumento exponencial de dados disponíveis, o que exigiu em diferentes momentos históricos a criação de sistemas para classificar, indexar e compilar informações, ao mesmo tempo despertou preocupação de que o excesso informativo pudesse levar as pessoas a um estado de loucura (BOCZKOWSKI, 2021).

A abundância informacional não é um problema *per se*, principalmente se considerarmos o processo de exclusão digital que caracterizou o desenvolvimento da internet no Brasil e no mundo. No entanto, o excesso informativo tem consequências sobre comportamentos, percepções, sensações e pensamentos. “A enxurrada de informações à qual estamos hoje entregues prejudica, evidentemente, a capacidade de reduzir as coisas ao essencial” (HAN, 2018, p. 105). O autor argumenta que a linha fronteira entre produtores e consumidores de informação foi rompida, de modo que as pessoas não se contentam mais em consumir informações passivamente. Ele defende a ideia de que plataformas, como blogs, Twitter, Facebook, Instagram, entre outros, acabam desmediatizando a comunicação.

A desintermediação, como um produto dessa reconfiguração do ecossistema comunicacional, permitiu que qualquer pessoa com um celular produza um conteúdo viral. Se, por um lado, essa nova configuração possibilita a um número crescente de indivíduos alcançar visibilidade e poder de agenciamento, sem a mediação dos tradicionais gatekeepers, por outro, significa que muitas mensagens, em circulação nas plataformas de mídias sociais, podem ser consumidas como informação verdadeira, mesmo sem nenhum lastro com a factualidade. Quando todos podem ser produtores e distribuidores de informações, não há mais limites para a circulação do inverídico entre as pessoas no ambiente digital.

No passado, o poder do jornalismo profissional residia justamente na capacidade em orientar o público sobre os assuntos de interesse público, e principalmente em promover o debate público, suscitar um desejo coletivo e acionar a comunidade para a

ação política, “pois a opinião pública, que funciona como uma mente numa sociedade livre, é o produto da discussão” (PARK, 2008, p. 76). Com o tempo, o cumprimento desse papel de mobilização tem sido confrontado, especialmente com os processos de desintermediação, que rompem com a ideia do jornalista como mediador entre os acontecimentos e o público, e ascensão da mídia hiperpartidarizada (BENKLER; FARIS; ROBERTS, 2018).

No ambiente digital, de abundante oferta informativa, não existe a garantia de transformação de dados em informação, e tampouco em conhecimento por parte do indivíduo simplesmente pelo uso das tecnologias de informação e comunicação. As informações se encontram espalhadas desordenadamente, produzidas por amadores, plagiadores e usuários que consideram um bom conteúdo aquele que possui maior número de visualizações ou curtidas.

A ideia de desordem informacional, de Wardle e Derakhshan, ajuda a explicar esse processo de corrosão dentro do ecossistema informacional, que afeta a credibilidade e o funcionamento de diversas instituições de mediação, sobretudo, o jornalismo de referência. Para os autores, embora a difusão de informações falsas não seja um fenômeno novo, o fator de diferenciação está no suporte comunicacional. “[...] a emergência da internet e tecnologias sociais trouxeram mudanças fundamentais na forma como a informação é produzida, comunicada e distribuída.” (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017, p. 11, tradução nossa).

Segundo Wardle e Derakhshan, o termo “fake news” é totalmente inadequado para explicar o complexo fenômeno da desordem informacional e da eclosão de conteúdos desinformativos. Além disso, o conceito passou a ser empregado por políticos de todo o mundo para desqualificar a cobertura do jornalismo profissional. “Desta forma, está se tornando um mecanismo pelo qual os poderosos podem reprimir, restringir, minar e contornar a imprensa livre.” (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017, p. 5, tradução nossa).

Wardle e Derakhshan propõem uma categorização para investigar a desordem de informação, identificando os três tipos diferentes empregando as dimensões de dano e falsidade: I) desinformação: informações falsas criadas de modo deliberado no intuito de prejudicar pessoas, grupos sociais, organizações e países; II) informação incorreta: informações falsas, mas que não foram criadas no intuito de causar danos; III) má informação: informações que se baseiam na realidade e são utilizadas para causar danos sejam a pessoas, organizações ou países.

As categorias analíticas propostas por Wardle e Derakhshan não esgotam a discussão em torno da desordem informacional, mas sinalizam uma alternativa para entender as nuances dos enunciados fraudulentos, imprecisos e enganosos. É importante identificar as diferenças entre as ideias de “fake news” e “desinformação” em cada contexto de análise, mas o mais relevante é compreender como esse fenômeno impacta fortemente a compreensão coletiva da realidade e modula determinados comportamentos.

A desordem informativa, como resultado desse novo ecossistema comunicacional, impacta fortemente o funcionamento das democracias liberais, sendo responsável por cidadãos mal informados, pela corrosão da verdade factual e pela escalada da violência política. Nesse cenário de desinformação, a população idosa se apresenta como um grupo social mais vulnerável ao consumo e distribuição de informações falsas e imprecisas, como veremos a seguir.

A população idosa e o mundo digital

Ao discutir a relação entre desinformação e idosos, é preciso considerar a significativa heterogeneidade desse segmento populacional, em termos de cognição, sociabilidade, mobilidade, condição financeira, entre outros fatores. A imagem jocosa do “tiozão do zap”, consagrada pelo senso comum das redes sociais, simplifica o problema, ao associar imediatamente o idoso ao hábito de compartilhar conteúdo falso nas plataformas digitais ou de acreditar em mensagens colocadas em circulação nos aplicativos de mensagens.

Prensky (2001) caracteriza crianças e jovens como nativos digitais, ou seja, sujeitos que nasceram e cresceram envoltos pelas novas tecnologias de informação e comunicação. Já os imigrantes digitais são aqueles que nasceram antes da consolidação do ambiente digital, como a população idosa. As eventuais dificuldades apresentadas pelos idosos são compreensíveis, tendo em vista que sua utilização somente se tornou corriqueira quando essas pessoas já eram adultos maduros.

Para Freitas e Py (2016), os idosos têm maior possibilidade de serem relativamente mais vulneráveis aos riscos oferecidos pela internet do que os nativos digitais, razão pela qual, segundo elas, podem necessitar de alguma supervisão e de instruções sobre formas de evitar tais riscos. Klimova et al. (2018) corrobora com esse

pensamento ao considerar que os idosos tendem a ser mais logrados pela desinformação em ambientes digitais. De acordo com os autores, os mais velhos, por ingressarem tardiamente nesse espaço digital, possuem uma tendência maior de serem ludibriados na web em comparação aos nativos digitais.

A população idosa é mais suscetível à desinformação, mas não em virtude simplesmente do vetor etário, mas por conta da associação de fatores cognitivos e sociais. Em um estudo sobre o compartilhamento no Facebook de informações falsas durante a campanha presidencial de 2016 nos Estados Unidos (que elegeu o ex-presidente Donald Trump), Guess, Nagler e Tucker (2019) revelaram que pessoas acima de 65 anos compartilharam sete vezes mais informações falsas quando comparados ao grupo etário entre 18 e 29 anos. Outro estudo mostrou que, semanas antes desse mesmo pleito eleitoral, os norte-americanos de 60+ acessaram mais sites difusores de desinformação do que eleitores mais jovens (GRINBERG et. al., 2019).

Um levantamento do projeto Radar⁸, da agência de checagem Aos Fatos, constatou que mensagens com discursos focados em idosos representam mais da metade da desinformação sobre títulos de eleitor detectada pelo estudo, que monitorou 220 grupos de discussão política no WhatsApp. Entre janeiro e abril deste ano, 284 postagens falsas relacionadas a cadastramentos eleitorais circularam 567 vezes. Dessas, 158 (54%), encaminhadas 290 vezes, miram essa faixa etária.

Boatos⁹ como “Atenção! Golpe do TSE! Sabia que estão cancelando o título de quem tem mais de 70 anos?” ou “Tirei uma certidão negativa do cartório eleitoral, diz que não devo nada. Mas no rodapé da página diz que a inscrição foi cancelada” foram alguns que circularam em forma de correntes em ambientes digitais monitorados pelo projeto Radar. De acordo com o levantamento, em outros grupos, versões dos boatos circularam com emojis de sirenes e chamadas alarmistas, a fim de chamar a atenção da população idosa e engajá-la na distribuição desse tipo de conteúdo.

O declínio cognitivo é a razão mais óbvia para explicar a suscetibilidade da população idosa à desinformação. Segundo Brashier e Schacter (2020), habilidades importantes como memória episódica e raciocínio abstrato atingem o auge cedo e depois

⁸ Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/idosos-desinformacao-titulo-eleitor-whatsapp/>. Acesso em 19 jul. 2022.

⁹ O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) esclarece que não suspende automaticamente documentos de pessoas com mais de 70 anos, para quem o voto é facultativo. O título é cancelado apenas em situações específicas previstas no Código Eleitoral, como morte do eleitor, ausência de justificativa ou de pagamento de multa após não votar em três eleições seguidas, entre outros.

diminuem gradualmente, o que pode comprometer a capacidade de análise de pessoas 60+ quando se fala em fake news. Com a sobrecarga de informações, os sentidos são mais exigidos, o que impede a concentração naquilo que é essencial ou mais preciso. Isso se observa se observa quando os mais velhos se deparam com verificadores de fatos. “O déficit de memória de origem sugere que as verificações de fatos desaparecem da memória, enquanto a desinformação original ainda parece fluente”. (BRASHIER; SCHACTER, 2020, p.2, tradução nossa).

Por outro lado, os problemas relativos ao natural declínio cognitivo das pessoas de idade avançada não devem escamotear os outros fatores que ajudam a explicar a vulnerabilidade da população idosa às informações falsas e imprecisas. A crença e a partilha de desinformação tende a ser mais comum em pessoas com graus de letramento digital mais baixos (JONES-JANG et al., 2019; MIHAILIDIS; VIOTTY, 2017) e mais desconfiadas em relação ao comportamento das tradicionais instituições de autoridade (BENNETT; LIVINGSTON, 2018).

Brashier e Schacter explicam que adultos mais velhos, com menos “laços fracos” nas plataformas digitais, presumem que o conteúdo compartilhado por familiares e amigos é preciso. Sem familiaridade com as TICs, que evoluem permanentemente, os idosos tendem a acreditar mais na opinião de pessoas dos seus círculos afetivos do que os mais jovens. Os autores apontam que integrantes desse segmento etário podem divulgar informações falsas com objetivos sociais específicos, como se integrar a um grupo social, por medo da solidão.

As motivações ideológicas e partidárias também podem influenciar a forma como pessoas 60+ avaliam as informações no ambiente digital, de modo a relativizar a verdade factual. Sujeitos com crenças mais consolidadas, como os mais velhos, se tornam mais suscetíveis a informações falsas, uma vez que determinados conteúdos falsos ou imprecisos corroboram com seus valores, opiniões ou pontos de vista. Assim, as pessoas rejeitam, deste modo, mais facilmente argumentos e informações contrárias ao seu conhecimento (BRASHIER et. al., 2017).

Outro aspecto importante apontado por Brashier e Schacter para entender a vulnerabilidade da população idosa a conteúdos desinformativos é o analfabetismo digital (*digital illiteracy*). Esse grupo etário, com menos vivência na internet, tem maiores dificuldades para lidar com clickbait (caça-cliques) e operações do tipo phishing. “Os

idosos podem seguir páginas questionáveis e bots que parecem contas reais, aumentando sua exposição a notícias falsas”. (BRASHIER; SCHACTER, 2020, p. 4, tradução nossa).

Os autores ainda explicam que a capacidade de distinguir fotos reais de falsas também diminui com a idade, de modo que ao visualizar cenas alteradas do mundo real, os adultos mais velhos não notam objetos adicionados ou removidos, ângulos distorcidos e sombras inconsistentes. Esse cenário de confusão informacional é agravado pelas deepfakes, que são, em linhas gerais, vídeos sintéticos criados com inteligência artificial (IA), em que as pessoas parecem dizer ou fazer coisas que nunca disseram ou fizeram.

Na realidade, os idosos de hoje cresceram em um contexto onde a informação não precisava ser checada, ou seja, a notícia era produzida a partir de critérios de validação, reconhecidos socialmente, dentro de um contrato de comunicação (CHARAUDEAU, 2019). Um exemplo disso é que, no passado, era comum as pessoas só acreditarem naquilo que era transmitido pelo Jornal Nacional (Rede Globo), o que contrasta fortemente com o que ocorre na atualidade, em que a imprensa profissional disputa espaço e, conseqüentemente, publicidade com influenciadores digitais e canais do chamado infoentretenimento.

A partir da literatura especializada, é preciso considerar que a associação entre declínio cognitivo, posicionamento político-comportamental e analfabetismo digital explica em parte a vulnerabilidade da população idosa a conteúdos desinformativos. No entanto, como mencionado anteriormente, esse segmento populacional é heterogêneo e qualquer tentativa de generalização pode prejudicar o planejamento e a execução de estratégias de mitigação aos efeitos da desinformação entre esses imigrantes digitais, como veremos na próxima seção.

Práticas de AMI para a população idosa

Diante desse quadro de desordem informacional, com reflexos na gestão pública e no comportamento das pessoas, Estado, sociedade civil e universidades têm, mesmo que de forma incipiente, desenvolvido estratégias de mitigação às fake news voltadas à população idosa. São ações no campo da alfabetização midiática e informacional (AMI)¹⁰

¹⁰ Um conjunto de competências que empodera os cidadãos para acessar, recuperar, compreender, avaliar, usar, criar e compartilhar informações e conteúdos midiáticos de todos os formatos, usando várias

que objetivam empoderar as pessoas dessa faixa etária, de modo que consigam tanto identificar potenciais conteúdos desinformativos e quanto compreender as motivações que envolvem a produção e a distribuição de informações falsas no ambiente digital.

A Organização das Nações Unidas pela Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO) é uma das principais referências na elaboração de manuais ligados à AMI. Muitas iniciativas desenvolvidas no Brasil e no mundo são baseadas nas práticas recomendadas pela entidade. No caso da população idosa, algumas das ações previstas pela Unesco precisam ser adaptadas, levando em consideração o tipo de interesse e uso das plataformas digitais pelas pessoas 60+.

Em relação ao processo de letramento midiático-informacional de pessoas idosas, existe uma série de aspectos específicos a serem considerados para a elaboração de um programa adequado de mitigação dos efeitos das fake news. Se para os nativos digitais a apropriação das TICs se dá de maneira natural e imediata; para os imigrantes digitais, esse processo ocorre de maneira lenta, conflituosa e até traumática. “Novos dispositivos não devem resultar em novos processos de exclusão, principalmente em relação aos mais velhos, que ainda não se adequaram às inovações incorporadas na vida cotidiana”. (SILVA, 2016, p. 388).

Jones e Bayen (1998) apontam algumas mudanças que podem ser observadas no processo de envelhecimento e que devem ser consideradas na elaboração de qualquer atividade com os idosos, como diminuição acentuada da velocidade e de recursos cognitivos para processar informações, e dificuldades sensoriais (visão, audição, tato). Além desses aspectos, também é preciso considerar o repertório (capital cultural) de cada sujeito, que pode variar muito, em virtude de renda, escolaridade e localização geográfica.

Outro fator importante ao trabalhar a AMI com a população idosa é a afetividade. Estimular que pessoas 60+ cooperem entre si é uma forma de motivá-las, mostrando que são capazes de lidar com o ambiente digital de forma crítica e segura, assim como relacionar as atividades de letramento midiático com experiências de vida dos participantes no processo de aprendizagem, possibilitando um maior engajamento e colaboração dos envolvidos. A inclusão digital dessa faixa etária não auxilia apenas nos estímulos mentais, motores e de socialização, mas também promove uma possibilidade

ferramentas, com senso crítico e de forma ética e efetiva, para que participem e engajem-se em atividades pessoais, profissionais e sociais (UNESCO, 2013).

de convivência com o mundo contemporâneo, favorecendo relações familiares, sociais, entre outros (BIZELLI et al., 2009).

Uma pesquisa realizada por Luce e Estabel (2020) com oito sujeitos participantes, com média de idade de 74 anos e que previamente já utilizavam dispositivos como Whatsapp e Facebook, revelou que, ao participarem de um curso de extensão de capacitação midiática e informacional, os idosos se sentiram mais seguros e com mais autonomia para acessar conteúdos na internet e evitar informações falsas. Já um estudo de Tiboni et al. (2020) mostrou que a criação de um canal de comunicação focado nas necessidades informacionais dos idosos, baseado em evidências e com dados confiáveis oriundos do Ministério da Saúde e da Organização Mundial da Saúde, resultou em maior conscientização desse grupo social sobre a pandemia do novo coronavírus.

Além de experiências desenvolvidas por acadêmicos, temos algumas iniciativas de entidades da sociedade civil que trabalham na perspectiva da AMI, como o “EducaMídia 60+”¹¹, programa criado pelo Instituto Palavras Aberta, que busca desenvolver ações de educação midiática para idosos, com a realização de cursos e a produção de conteúdos pedagógicos para as plataformas digitais do programa. Já o projeto Comprova, coalizão para verificar desinformação liderada pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), em parceria com 40 veículos de mídia, lançou recentemente o minicurso “Media Wise for Seniors Brasil”¹², voltado a pessoas acima de 50 anos a fim de ajudá-las a identificar boatos e informações falsas na internet.

Luce e Estabel (2020) defendem a implementação de cursos de AMI para inserção segura do idoso no ambiente digital, no entanto, “para que isso ocorra é fundamental o reconhecimento de características e o comportamento informacional de cada grupo para elaboração do conteúdo aplicado”. (LUCE; ESTABEL, 2020, p. 108). Não é razoável imaginar que pessoas 60+ terão a mesma capacidade para distinguir uma fake news de uma notícia de credibilidade na internet ou que saiba diferenciar um conteúdo jornalístico de um post patrocinado. Por isso, ao considerar as particularidades dessa faixa etária, os responsáveis pelas iniciativas de AMI poderão construir uma formação mais inclusiva, que respeite as características e limitações de cada sujeito.

¹¹ Disponível em: <https://60mais.educamidia.org.br/>. Acesso em 19 jul. 2022.

¹² Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2022/03/30/Um-curso-para-pessoas-acima-de-50-anos-que-querem-que-nos-ajudem-a-identificar-boatos-e-informacoes-falsas-na-internet>. Acesso em 19 jul. 2022.

As atividades no âmbito da AMI não podem se restringir à mera instrumentalização acerca da rotulagem de determinado conteúdo no ambiente digital, como verdadeiro, impreciso ou falso. Apesar da identificação servir como antídoto contra o compartilhamento de conteúdos fraudulentos na internet, a discussão em torno da desinformação nos adultos mais velhos precisa dialogar com o uso ético e responsável das plataformas digitais.

A pós-verdade, como resultado da corrosão da verdade factual em detrimento do apelo à emoção, contribui para esse cenário de crise sistêmica, em que prosperam boatos e teorias conspiratórias. Daí a importância da educação para a cidadania em diálogo com a AMI, uma vez que as pessoas com maior conhecimento político e com valores democráticos mais consolidados tendem a questionar e, conseqüentemente, repudiar a utilização de fake news de forma deliberada no debate público (GORDON, 2018).

O excesso informativo sobre assuntos relacionados à saúde pode desencadear processos severos de adoecimento em qualquer faixa etária, mas certamente são os idosos que apresentam maior dificuldade para lidar com esse fenômeno comunicacional. Durante os momentos mais críticos da pandemia, em que foi necessário o isolamento social e a busca por informações sobre a doença cresceu exponencialmente, muitas pessoas 60+ desenvolveram quadros crônicos de ansiedade e depressão (CAVALCANTE et al., 2022). Nesse sentido, é importante consolidar redes de apoio social aos idosos, que prestem suporte e assistência emocional. Familiares, vizinhos e agentes comunitários de saúde podem desempenhar um papel relevante, ao manterem contato com os idosos (seja pessoalmente ou por aplicativo de mensagens), reforçando a sensação de pertencimento a um grupo social, respeitando evidentemente a autonomia e a liberdade do sujeito.

Por fim, a identificação das necessidades informacionais da população idosa é fundamental para o planejamento de iniciativas de AMI que promovam o letramento digital desse segmento etário. A partir desse panorama, será possível criar estratégias que estimulem a autonomia, o empoderamento e a qualidade de vida, podendo, assim, diminuir significativamente a condição de vulnerabilidade desses imigrantes digitais frente aos golpes virtuais e às campanhas de desinformação.

Considerações Finais

A digitalização da sociedade reforçou as preocupações com a sobrecarga informacional e os efeitos danosos que esse fenômeno tem na capacidade de classificar o fluxo de dados on-line e selecionar o que é mais relevante e requer atenção. A atual avalanche de estímulos é tamanha que não há tempo nem espaço para refletir. O excesso informativo causa fraturas na compreensão coletiva da realidade e abre espaço para desinformação, que opera como um reforço imediato a crenças sedimentadas.

Diante desse quadro de desordem informacional, no contexto da comunicação e educação, precisamos pensar em ações que tratem a desinformação entre os mais velhos com as particularidades que esse grupo exige, sem generalizações nem etarismo. Para isso, inicialmente, é necessário desconstruir a imagem jocosa de “tiozão do zap”, que desumaniza todo um estrato populacional. Mesmo que sejam mais vulneráveis a golpes virtuais e informações falsas, os idosos apresentam condições de desenvolver conhecimentos sobre esse novo ecossistema comunicacional, como mostra algumas iniciativas de AMI com pessoas 60+.

O presente texto não se dedica a trazer dados conclusivos sobre como pessoas 60+ podem lidar com o excesso informativo e a eclosão de fake news. Há que se ressaltar também que o trabalho propõe uma discussão sobre desinformação e população idosa, a partir de uma revisão da literatura especializada e não de uma pesquisa-ação ou mesmo de um estudo de caso. Isto posto, há de se concentrar no fato de que a reflexão mobilizada pode servir de base para futuros estudos que objetivem aprofundar o problema. O mais importante é contribuir com esse debate emergente, visto que o assunto apresenta uma produção reduzida no campo da comunicação e educação.

REFERÊNCIAS

BENKLER, Yochai; FARIS, Robert; ROBERTS, Hal. **Network Propaganda: manipulation, disinformation, and radicalization in American politics**. Oxford: Oxford University Press, 2018.

BENNETT, W. L.; LIVINGSTON, S. The disinformation order: Disruptive communication and the decline of democratic institutions. **European Journal of Communication**, 33(2), 122–139, 2018. <https://doi.org/10.1177/0267323118760317>.

BIZELLI, Maria Helena S. S.; BARROZO, S.; TANAKA, Julia S.; SANDRON, Daniela C. Informática para a terceira idade – características de um curso bem sucedido. **Revista Ciência em Extensão**, v. 5, n. 2, p. 4-14, 2009.

BOCZKOWSKI, P. **Abundance**. On the Experience of Living in a World of Information Plenty. Oxford: Oxford University Press, 2021.

BHASKAR, M. . **Curadoria**: o poder da seleção no mundo do excesso. São Paulo: Edições Sesc, 2020.

BRASHIER, N.; SCHACTER, D. L. Aging in an Era of Fake News. *Current Directions in Psychological Science*, 29(3), 316-323, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177%2F0963721420915872>.

BRASHIER, N. et. al. Competing cues: older adults rely on knowledge in the face of fluency. **Psychology and Aging**, 32, 331-337. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28333505/>. Acesso em 20 jul. 2022.

BRASIL, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação**. IBGE, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html>. Acesso em 20 jul. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto do Idoso**. Brasília: Ministério da Saúde, 2003.

CANFIELD, C.; FISCHHOFF, B. ; DAVIS, A. Better beware: comparing metacognition for phishing and legitimate e-mails. **Metacognition Learning**, v.14, n.6, p.343–362, 2019. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2019-55852-001>. Acesso em 28 jun. 2021.

CAVALCANTE, Ricardo B. et al. Repercussões da infodemia associada ao COVID-19 na saúde mental do idoso no Brasil. **Revista Cubana de Información en Ciencias de la Salud**, v. 33, p. 1, 2022.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**: modos de organização. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

FREITAS, Elizabete V. de; PY, L. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

GHEBREYESUS, T. A. . Munich Security Conference. World Health Organization, 15 February 2020. Disponível em: <https://www.who.int/dg/speeches/detail/munich-security-conference>. Acesso em: 28 mai. 2020.

GORDON, Mordechai. Lying in politics: fake news, alternative facts, and the challenges for deliberative civics education. **Educational theory**, v. 68, n. 1, p. 49-64, 2018.

GRINBERG, N. et al. Fake news on Twitter during the 2016 U.S. presidential election. **Science**, 363 (6425), pp. 374-378, 2019.

GUESS, A. NAGLER, J. TUCKER, J. Less than you think: Prevalence and predictors of fake News dissemination on Facebook. **Science Advances**, Washington, v. 5, n.1, jan. 2019. Disponível em: <https://advances.sciencemag.org/content/5/1/eaau4586>.

HAN, B. **No enxame**: perspectivas do digital. Petrópolis: Vozes, 2018.

JONES-JANG, S. M., MORTENSEN, T., & LIU, J. (2019). Does Media Literacy Help Identification of Fake News? Information Literacy Helps, but Other Literacies Don't. **American Behavioral Scientist**, 2019. Disponível em <https://doi.org/10.1177/0002764219869406>.

JONES, B.D.; BAYEN, U. J. Teaching older adults to use computers: Recommendations based on cognitive aging research. **Educational Gerontology**, 24:7, 675-689, 1998.

KLIMOVA, B. et. al. Enriching Learning Experiencia- Older Adults and their use of the internet. **Lecture Notes in Computer Science**, v. 10949. Springer, 2018. Disponível em: <https://link.springer.com/chapter/10.1007%2F978-3-319-94505-7>. Acesso em 20 jul. 2022.

LUCE, B. F.; ESTABEL, L. B. Letramento Informacional e Mídias Sociais: uma experiência com idosos para a competência informacional na identificação de fake news. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 16, n. 35, p. 1-14, 24 jun. 2020.

MIHAILIDIS, P.; VIOTTY, S. (2017). Spreadable Spectacle in Digital Culture: Civic Expression, Fake News, and the Role of Media Literacies in “Post-Fact” Society. **American Behavioral Scientist**, 61(4), 441–454, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0002764217701217>.

OMS. **Guia Global: Cidade Amiga do Idoso**. Genebra: Organização Mundial da Saúde. 2008.

OVIDEO, Rafael A.; CZERESNIA, D. O conceito de vulnerabilidade e seu caráter biossocial. **Interface** (Botucatu. Online), v. 19, p. 237-250, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/5BDdb5z4hWMNn58drsSzktF/>. Acesso em 19 jul. 2022.

PARK, Robert E. Notícia e o poder da imprensa In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz. **A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa**. Porto Alegre: Sulina, 2008. v. 2.

PORFÍRIO, E. ; BOTTONI, A. . Inclusão digital como agente transformador na autonomia social, saúde e qualidade de vida na longevidade. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, p. 20718-20737, 2021.

PRENSKY, Marc. **Don't bother me, mom. I'm learning!** How computer and video games are preparing your kids for 21st century success and how you can help! St. Paul, Minnessota: Paragon House, 2001.

SILVA, M. C. As tecnologias de comunicação na memória dos idosos. **Serviço Social&Sociedade**, São Paulo, n. 126, p. 379-389, Mai/Ago, 2016.

TIBONI, M. et al. Desafios das Fake News com Idosos durante Infodemia sobre Covid-19: Experiência de Estudantes de Medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**; n. 44 (supl.1): e140, 2020.

UNESCO. **Alfabetização Midiática e Informacional: currículo para a formação de professores**. Brasília: UNESCO, UFTM, 2013.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. Information Disorder: Toward na interdisciplinar framework for rearch and policy making. **Concil of Europe**, 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-aninterdisciplinary-framework-for-researc/168076277c>. Acesso em 4 jan. 2020.